



A PRODUÇÃO VALORADA E A CONSCIÊNCIA SOCIOIDEOLÓGICA DE ALUNOS DO 8º ANO

THE VALUED PRODUCTION AND THE SOCIO-IDEOLOGICAL AWARENESS OF 8TH
GRADE STUDENTS

Íris Letiere da Silva Santos¹
<https://orcid.org/0000-0001-8292-9806>

Márcia Cristina Greco Ohuschi²
<https://orcid.org/0000-0001-8292-9806>

Resumo:

Este estudo objetiva refletir sobre a constituição da consciência socioideológica e da produção valorada do discurso na produção textual do gênero discursivo carta aberta, de alunos do 8º ano. À luz da Linguística Aplicada, o trabalho pauta-se na concepção dialógica de língua e linguagem e sua abordagem sociológica, valorativa, cultural e ideológica – proposta pelo Círculo de Bakhtin, além de autores e pesquisadores que seguem esta vertente. Em termos metodológicos, a pesquisa se alinha ao viés qualitativo-interpretativo, de cunho etnográfico e de natureza aplicada, em que desenvolvemos uma atividade diagnóstica em uma turma do 8º ano de uma escola pública estadual localizada em um bairro periférico de Belém-PA. A atividade consistiu na produção inicial de um enunciado do gênero discursivo carta aberta sobre o acúmulo do lixo no bairro em que os alunos moram. Os resultados apontam alguns indícios de posicionamento axiológico na escrita, insuficiência na abordagem temática para atender ao comando de produção, pouco conhecimento dos alunos sobre o gênero e problemas relacionados à articulação do texto e à norma culta da língua em sua modalidade escrita.

Palavras-chave: Dialogismo. Produção textual escrita. Ensino.

Abstract:

This study aims to reflect on the constitution of socio-ideological awareness and the valued production of discourse in the textual production of the open letter genre of 8th grade students. In the light of Applied Linguistics, the work is guided by the dialogical conception of language and its sociological, evaluative, cultural and ideological approach – proposed by the Bakhtin Circle, as well as authors and researchers who follow this trend. In methodological terms, the research is aligned with a qualitative-interpretative, ethnographic and applied nature, in which we developed a diagnostic activity in an 8th grade class of a state public school located in a peripheral neighborhood of Belém-

¹ Professora de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação - SEDUC/PA, Belém, PA, Brasil.

² Professora Associada da Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras/UFPA). Belém, PA, Brasil.

PA. The activity consisted of the initial production of an open letter discursive statement about the accumulation of garbage in the neighborhood where the students live. The results point to some signs of axiological positioning in writing, insufficient thematic approach to meet the production command, little knowledge of students about the genre and problems related to the articulation of the text and the formal norm of the language in its written modality.

Keywords: Dialogism. Written text production. Teaching.

INTRODUÇÃO

O trabalho com a Língua Portuguesa busca contribuir para a ampliação dos horizontes valorativos dos alunos, com a finalidade de formar sujeitos críticos e atuantes na sociedade. Nesse sentido, adotamos uma postura dialógica (VOLOCHINOV, 2019[1926], 2017[1929]; BAKHTIN, 1988[1975], 2003[1979]), ao conceber o arcabouço valorativo do gênero, “com o objetivo de conclamar a compreensão e a produção valorada do discurso, a dizer de lugares e posicionamentos presentes na organização da vida social” (POLATO; MENEGASSI, 2018, p. 45).

Sob esse viés, apresentamos, neste capítulo, um recorte de uma pesquisa de Dissertação de Mestrado (SANTOS, 2021), em que, a partir do resultado da atividade diagnóstica, elaboramos um Projeto Pedagógico de Leitura e Escrita (PPLE) com o intuito de contribuir para a ampliação da consciência socioideológica e a produção valorada do discurso dos alunos. De modo específico, destacamos, aqui, a análise diagnóstica realizada em uma turma de 8º ano de uma escola pública da periferia de Belém-PA, em que buscamos verificar o nível de consciência socioideológica dos discentes, visto que cada um deles é constituído pelo meio social em que vive (OHUSCHI, 2013).

A atividade que gerou o diagnóstico consistiu na produção inicial de uma carta aberta, gênero discursivo que requer posicionamento valorativo do autor acerca de determinada temática. A temática selecionada foi “O acúmulo de lixo no bairro”. Assim, como parte de uma pesquisa maior, de cunho qualitativo-interpretativo, trouxemos para análise neste trabalho a produção textual de dois alunos da turma.

Este artigo pretende, portanto, refletir sobre a constituição da consciência socioideológica e a produção valorada do discurso a partir dos enunciados analisados. Para tanto, discorreremos, brevemente, sobre dialogismo e escrita, em seguida, apresentamos a atividade diagnóstica e a análise dos enunciados produzidos pelos dois alunos selecionados.

DIALOGISMO E ESCRITA

Para o Círculo de Bakhtin, o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem. Isso significa dizer que a linguagem, em decorrência de seu caráter histórico, ideológico, cultural e social, produz sentidos diversos por meio das relações dialógicas estabelecidas pela interação entre os sujeitos (também históricos, ideológicos, culturais e sociais) da palavra. Conforme explicita Bakhtin (2011 [1979], p. 410),

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem ser estáveis

(concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo.

De acordo com o autor, as palavras estão em renovação constante, pois, com seus múltiplos sentidos, perpassam vozes, sujeitos e contextos sociais, históricos, culturais e ideológicos diversos. É um processo ininterrupto, que ocorre de forma contínua e pressupõe “um contexto imediato de interação verbal, um contexto mais amplo que permeia a enunciação e elementos extraverbiais que incidem diretamente sobre o evento enunciativo” (MENEGASSI; GASPAROTTO, 2019, p. 212).

Para Volóchinov (2017 [1929]), a palavra é, dentre os signos ideológicos, a forma mais sofisticada da interação discursiva, pois ela é orientada para o interlocutor. A priori, a palavra é revestida de neutralidade, pois ela tem a capacidade de refletir e refratar diferentes formas de (re)conhecer, compreender e apreender a realidade social. Essa neutralidade, porém, desaparece quando está em uso, pois ela estará entranhada dos sentidos produzidos no contexto comunicativo pelos sujeitos que as enunciam.

Dessa forma, a palavra enquanto signo ideológico reflete e refrata uma realidade, “sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo” (VOLÓCHINOV (2017 [1929], p. 93). Os discursos, portanto, são imbuídos de valorações e, mesmo aqueles presentes em gêneros ditos neutros como a notícia, caracterizada pela objetividade e imparcialidade, são marcados por expressões avaliativas do jornalista, seja por seu próprio posicionamento ou do jornal.

Podemos citar, como exemplo, a forma como o jornal *EL PAÍS BRASIL* noticiou em seu *twitter*, em julho 2020, uma entrevista que o veículo fez com Fernando Haddad: “Petista e ex-prefeito de São Paulo, que **foi derrotado** no segundo turno da eleição presidencial por Bolsonaro, fala sobre as turbulências da política brasileira em meio à pandemia do coronavírus” (EL PAÍS BRASIL, 2020).

O efeito de sentido da construção verbal passiva “foi derrotado”, escolhida para compor o enunciado, evidencia a valoração negativa dada pelo redator ou jornal ao entrevistado, marcando seu posicionamento socioideológico, o que pode influenciar o leitor, sem que este perceba, a também emitir um juízo de valor negativo ao entrevistado. Como se percebe, mesmo o gênero notícia, normalmente caracterizado pela imparcialidade, é desprovido de neutralidade. Isso significa que a palavra, carregada de ideologia, “traz em si marcas sociodiscursivas de esferas, de situações de interação que, em confluência, constituem seus sentidos, seus efeitos de sentido, integrando-a organicamente à situação de interação e à esfera da atividade humana da qual faz parte (ACOSTA-PEREIRA; BRAIT, 2020, p.129).

Esse caráter ideológico da linguagem se faz presente no decorrer da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* que, segundo Miotello (2018, p. 168), entende a ideologia sob duas formas. A primeira é a ideologia oficial, percebida “como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo” por meio das manifestações superestruturais da sociedade que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética e a política (FARACO, 2009). A segunda é a ideologia do cotidiano, aquela que surge no meio social não formal, fora do âmbito do sistema institucionalizado.

Apesar de antagônicas, o Círculo de Bakhtin vislumbra uma relação dialética entre ambas, pois a ideologia oficial exerce, pelo seu aparato institucionalizado, influência sobre a ideologia do

cotidiano, ao mesmo tempo em que os conteúdos que circulam nesta ideologia podem, pelo movimento natural das atividades humanas, alcançar a ideologia oficial. Assim, quando chegam a esse patamar, passam também a exercer influência sobre a ideologia do cotidiano da qual já não fazem mais parte. Nessa perspectiva, Volóchinov (2017 [1929]) evidencia que a ideologia do cotidiano é composta por uma comunicação cotidiana muito importante e rica em conteúdo que se relaciona com as várias esferas ideológicas já formalizadas e especializadas sobre as quais exerce influência.

Essa mesma obra sustenta que a palavra, como signo ideológico, carregada de expressão e tom valorativo, é sempre dita ou escrita juntamente com outras ou sozinha em uma situação discursiva, constituindo-se em enunciado, que será assimilado, reelaborado e reacentuado em uma atitude responsiva ativa do interlocutor. Ou seja, esse movimento ideológico em que a palavra vai adquirindo novos tons e valorações, após passar pelo refinamento processo de interiorização e exteriorização, é responsável pela construção da consciência socioideológica do indivíduo.

Ao tratar desse aspecto, a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, Ohuschi (2013) explica que tal refinamento advém da convivência social e da ideologia do grupo a que o indivíduo pertence. Assim, quanto maior é a organização desse grupo, melhor será a sua interação e o diálogo estabelecidos pelos enunciados. E ressalta: “Por isso, podemos afirmar que o grupo social ao qual pertencemos leva-nos ao desenvolvimento da consciência” (OHUSCHI, 2013, p. 23).

No contexto de ensino e aprendizagem, quando nós, professores, propomos uma produção textual escrita de um gênero discursivo argumentativo como a carta aberta, por exemplo, é preciso que antes haja uma preparação desses alunos por meio de atividades prévias, como a leitura e debates de enunciados que promovam o processo de internalização dos enunciados e a reflexão sobre a temática a ser tratada na produção textual.

Esse trabalho provavelmente contribuirá para o desenvolvimento da consciência socioideológica dos alunos e lhes permitirá ter conhecimento para manifestar posicionamento valorativo em sua escrita. Em outras palavras, nessa dinâmica de atravessamento de vozes nas atividades prévias de escrita, a língua constitui-se como “a via do diálogo social entre consciências emissivas de valores, em razão de os signos ideológicos/palavras serem flexíveis e permitirem a refração dos sujeitos sociais por meio deles” (POLATO; MENEGASSI, 2018, p. 50).

Importante ressaltar que a valoração ou o juízo de valor, como elemento axiológico, permeia os enunciados, juntamente com a situação extraverbal e a entonação, também axiologias sociais (BAKHTIN, 2011 [1979]; VOLÓCHINOV, 2019 [1926]), pois, como o domínio ideológico coincide com o domínio dos signos que constituem os enunciados, estes estão sempre sujeitos aos critérios de avaliação ideológica (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Desse modo, por meio das axiologias sociais, o signo ideológico pode tanto refletir quanto refratar “a realidade em transformação em cada campo ideológico, podendo distorcer, reforçar ou apreender essa realidade de um ponto de vista específico - o do locutor” (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 127).

Ao revisitar Volóchinov (2013 [1926]), Gasparotto (2020) explica que o contexto extraverbal revela as condições temporais, espaciais e sociais sobre as quais desenvolve a enunciação, e que locutor e interlocutor “compartilham do horizonte espacial da enunciação, do conhecimento da situação e de sua avaliação, num todo axiológico que permite a compreensão do discurso” (GASPAROTTO, 2020, p. 29). A entonação, por sua vez, segundo a pesquisadora, é determinada pela situação extraverbal, e é o que permite a expressão da valoração.

Esses três elementos axiológicos – o juízo de valor, a situação extraverbal e a entonação – estão intrinsecamente relacionados e, conforme o exemplo mencionado, delinearão a produção escrita dos alunos, que corresponde a sua compreensão responsiva, por meio de escolhas linguísticas socioideologicamente valoradas.

Destacamos, neste ponto, que as valorações sociais e a consciência socioideológica do sujeito são construídas por meio da interação discursiva nas relações sociais. Trata-se de uma cadeia da criação e da compreensão ideológica que nunca se rompe, “que vai de um signo a outro e depois para um novo signo” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Ou seja, o indivíduo, como sujeito social, compartilha ideias e valores com os grupos sociais os quais integra.

Essas ideias e valores constituem o discurso interior, isto é, a consciência socioideológica do sujeito, e são materializados no mundo exterior por meio dos signos a partir de enunciados que, por sua vez, chegam a outros sujeitos. Por isso diz-se que é um processo ininterrupto, pois, quando isso ocorre, novas relações dialógicas se estabelecem e, com isso, produzem-se novos enunciados. Nas palavras de Volóchinov (2017 [1929], p. 95), “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto, apenas no processo de interação social”.

Ao explorarmos esse aspecto da língua/linguagem em nossa pesquisa, portanto no contexto de ensino e aprendizagem, pretendemos não somente investigar o nível de consciência socioideológica dos alunos em relação à temática selecionada, qual seja, o acúmulo do lixo no bairro onde moram - que está inserida em uma temática maior, a ambiental -, mas, principalmente, a partir do resultado, levá-los a refletir criticamente, por meio do contato com vários enunciados inseridos no PPLE, sobre outros aspectos valorativos inerentes ao tema. Nosso intento, então, é contribuir para a ampliação, ou mesmo construção da consciência socioideológica dos alunos, para que eles sejam capazes de produzir enunciados escritos autorais, em que sejam sujeitos de suas palavras.

A ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

A atividade diagnóstica foi desenvolvida em 2019, com 35 alunos do 8º ano de uma escola pública da periferia de Belém-PA. Consistiu na escrita de um enunciado do gênero discursivo carta aberta, sobre o acúmulo do lixo no bairro onde os alunos moram, já que é um problema com o qual eles convivem diariamente e, possivelmente, têm conhecimento de mundo para apresentar fatos, relatos, experiências, ponto de vista e, portanto, manifestar consciência socioideológica por meio da produção valorada do discurso em seu enunciado. Segue a atividade:

Leia o texto para fazer a atividade seguinte:

Por Flávia Cortez

Belém carrega o título ambiental de capital da Amazônia, mas é consenso da população que a cidade é suja. Nesta primeira reportagem, buscamos entender o motivo desta opinião e o funcionamento da coleta de lixo domiciliar.

A questão do manejo dos resíduos sólidos tem sido uma das pautas mais importantes em âmbito mundial: é insustentável a quantidade de lixo produzida e jogada sem tratamento no meio

ambiente. No Brasil, leis que regulamentam o saneamento básico vêm dando destaque cada vez maior à necessidade de planejamento e sustentabilidade desses resíduos nas administrações públicas.

Apesar disso, Belém continua sendo uma cidade visivelmente suja, com muito lixo no chão, lixeiras quebradas e ruas e canais alagados por conta de acúmulo de resíduos. O problema é complexo, pois além da educação ambiental da população e das responsabilidades do poder público, envolve-se cada vez mais interesses econômicos. Hoje, quase toda a limpeza urbana de Belém é terceirizada, em licitações que envolvem contratos anuais milionários.

Disponível em: <http://www.outros400.com.br/especiais/3879>

Atividade:

O Lixo é um problema que há anos se faz presente na cidade de Belém. No bairro onde você mora, por exemplo, podem ser observados aglomerados de lixo por toda a rodovia e suas transversais. Com base nas ideias contidas no texto e no que você conhece sobre esse assunto, produza uma carta aberta à autoridade competente, expondo o problema do lixo no bairro onde você mora, defendendo seu ponto de vista e sugerindo a ela possíveis soluções. Recomenda-se o mínimo de 20 e o máximo de 30 linhas.

O objetivo da atividade consistiu em verificar e analisar indícios de produção valorada do discurso e consciência socioideológica nos enunciados dos alunos, bem como traçar um panorama sobre o conhecimento da turma a respeito do gênero discursivo carta aberta no que se refere aos seus elementos e características. A análise desses dados deu subsídios para a elaboração de um Projeto Pedagógico de Leitura e Escrita³ com o gênero carta aberta, voltado para o desenvolvimento da produção valorada do discurso e da consciência socioideológica dos alunos, no intuito de disponibilizá-lo, como material pedagógico, para professores que buscam práticas de ensino mais significativas voltadas para a produção escrita.

Para a análise dos enunciados, ao considerarmos o comando de produção textual, verificamos o contexto de produção (autoria, interlocutor e finalidade), conteúdo temático, construção composicional e estilo dos enunciados selecionados, conforme as categorias de análise a seguir:

Quadro 01: Categorias de análise dos enunciados

1 Contexto de produção:

1.1 Autoria: marcas de autoria (Há marcas de autoria no enunciado?).

1.2 Interlocutor/destinatário: marcas do destinatário (O comando de produção do enunciado dizia que o aluno deveria sugerir possíveis soluções à autoridade competente. Há indicação do destinatário?).

1.3 Finalidade: a intenção do autor precisa estar expressa na carta. (O enunciado consegue influenciar/persuadir o interlocutor? Apresenta sugestões ao destinatário para resolver o problema?).

2 Temática: o acúmulo de lixo no bairro onde o aluno mora (O enunciado aborda o tema indicado no comando de produção? Há posicionamento do autor em relação à temática?)

3 Construção composicional: o enunciado apresenta a estrutura de uma carta aberta, qual seja, título (Carta aberta ao...), local, data, texto (introdução, desenvolvimento e conclusão), despedida e assinatura? O enunciado é composto por parágrafos? Apresenta algum processo argumentativo?

³ O Projeto Pedagógico de Leitura e Escrita, apresentado e discutido em Santos (2021), gerou um Produto Educacional (SANTOS; OHUSCHI, 2021).

4 Estilo: está escrito em primeira pessoa ou terceira? Há o uso de expressões valoradas/avaliativas? Há o uso de formas verbais injuntivas? Há o uso de organizadores textuais responsáveis pela articulação e encadeamento textual, como conectivos ou ainda palavras ou expressões que servem para introduzir ou acrescentar argumentos e introduzir conclusão?

5 Adequação à norma culta: apresenta concordância de verbos e de nomes, regência verbal e nominal, acentuação, pontuação, ortografia e conectivos adequados ao gênero discursivo?

Fonte: as autoras.

A partir desses critérios, pudemos verificar e analisar as marcas de discurso valorativo e consciência socioideológica na escrita dos alunos e o nível de conhecimento deles em relação ao gênero carta aberta, de acordo com o que se propõe neste trabalho. Além disso, observamos, também, a adequação dos enunciados à norma culta da língua.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS

Como um breve recorte da pesquisa, neste artigo, apresentamos a análise da produção inicial de dois sujeitos, identificados por pseudônimos que representam algumas das etnias indígenas do Pará: Munduruku e Asurini. Os elementos que constituem a análise, conforme categorias apresentadas anteriormente, são analisados em correlação, pois realizam-se concomitantemente.

O lixo de Belém

Certo dia eu estava saindo da escola e tinha muitos lixos, plásticos etc...

- era bom se tivesse o meio Ambiente Pro governador mandase limpar os bueiros Para não emtupi e A Pesar disso belém continua visual mente suja lixo e Problema que Anos tinha que ser Ageitado mas O gorvenador Ainda não fez Nada para limpar Belém o gorvenador só ficar

- Prometendo Promeças que nunca vai fazer ele só quer robar Nossos dinheiro e nós que temos que Aguentar essa imundiser queremos que A justiça e u governador melhore A Para nossa cidade todos os bairros tem que ser limpado e As rodovias também existe Pessoas que ficam Até doentes Por que esses lixos O gorvenador Precisamos de você gorvenador.
(Munduruku)

A autoria do enunciado está relacionada à originalidade do que se diz ou escreve, pois se refere à resposta ativa do sujeito-autor a uma situação vivida ou a um enunciado, como é o caso do comando de produção. Logo, como respondente, o autor pressupõe a existência de enunciados anteriores aos quais seu dizer está relacionado (BAKHTIN, 2011[1979]).

Nessa direção, a partir dos elementos apresentados no comando de produção e do texto de apoio, o aluno é instigado a olhar para a sua realidade, refletir sobre ela e posicionar-se sobre a temática em questão por meio de produção textual escrita. Assim, o interlocutor de outrora torna-se sujeito-autor de agora.

Desse modo, ao analisarmos o enunciado de Munduruku, as marcas de autoria se apresentam ora por meio do uso da primeira pessoa do singular, a partir do pronome pessoal “eu” logo no início do enunciado, “*Certo dia, eu estava saindo da escola e tinha muitos lixos, plásticos etc...*”, ora pela primeira pessoa do plural, com o uso do pronome pessoal “nós”, ou marcada na terminação verbal “-

mos”, e pronomes possessivos “nossos” e “nossa” nos trechos: “(...) *só quer robar Nossos dinheiro e nós que temos que Aguentar essa imundiser queremos que A justiça e u gorvenador melhore a A para nossa cidade (...)*”, “*Precisamos de você*”.

O uso do pronome “eu”, marca de primeira pessoa do discurso, revela, por meio do trecho narrativo de introdução, “*Certo dia, eu estava saindo da escola e tinha muitos lixos, plásticos etc...*”, uma experiência particular do dia a dia do aluno, a qual vai se reverter, na sequência, como motivo para pedir providências ao governo. Para enfatizar que o problema em questão prejudica não somente a ele, mas a toda a comunidade da qual faz parte, utiliza o pronome possessivo “nosso”, “*Nossos dinheiro*”, e o pronome pessoal em primeira pessoa do plural “nós”, seja de forma explícita como em *e nós que temos...*, ou implícita, como em “*queremos que A justiça...*”. Ao se utilizar desses pronomes, como marcas de autoria que contribuem para a construção do sentido do enunciado, fica evidente esse uso como escolha estilística do autor.

O aluno demonstra ser sujeito-autor de seu enunciado quando, a partir de uma experiência particular, posiciona-se criticamente perante o problema do acúmulo do lixo e exige providências ao governador. Entretanto, observamos que, em alguns trechos, ele passa a repetir ditos do meio em que convive, como em: “*o gorvenador só ficar Prometendo Promeças que nunca vai fazer ele só quer robar Nossos dinheiro*”. Essa fala reflete a ideia de que os políticos fazem promessas as quais não cumprem e que roubam o dinheiro público, o que interfere na originalidade do enunciado, pois não houve reflexão sobre o que foi dito, apenas repetição. Do mesmo modo, em outro trecho, a autoria volta a ser prejudicada quando o aluno traz um trecho do texto motivador: “*A Pesar disso belém continua visual mente suja*”.

O aluno, portanto, embora evidencie, em certa medida, autoria própria e demonstre alguma consciência socioideológica em relação à temática abordada, percebida na narrativa inicial de uma experiência vivida por ele e de seu posicionamento ao exigir do governador providências para resolver o problema “*era bom se tivesse o meio Ambiente Pro governador mandase limpar os bueiros Para não emtupi...*” e “*queremos que A justiça e u governador melhore A Para nossa cidade todos os bairros tem que ser limpado e As rodovias também...*”, por outro lado, repete na sua escrita trechos já ditos em outros enunciados.

O interlocutor é outro elemento que constitui o enunciado. Volóchinov (2017 [1929]) explica que o autor, ao construir um enunciado, leva em consideração aquele a quem se dirige, ou seja, o seu interlocutor. Desse modo, as escolhas linguísticas são feitas em função da maior ou menor proximidade entre autor e interlocutor.

Benini e Menegassi (2013) consideraram em sua pesquisa a existência de um interlocutor real, aquele presente no momento da produção do enunciado; um interlocutor real externo, aquele para o qual o enunciado é direcionado; e um interlocutor virtual, aquele que não se pode provar a existência, mas se sabe que existe, é o interlocutor em potencial.

No contexto do enunciado a ser produzido em resposta ao comando de produção da atividade diagnóstica, o interlocutor real seria o professor de português, aquele que está presente quando da produção do enunciado pelo aluno; o interlocutor real externo seria o prefeito de Belém, a quem a carta é dirigida; e o interlocutor virtual seriam todos os potenciais leitores da carta.

Nesse sentido, para atender ao comando de produção textual escrita no que tange, principalmente, ao interlocutor real externo, o aluno precisa saber que a autoridade competente para resolver o problema do lixo no bairro onde mora é o prefeito.

Desse modo, ao buscarmos marcas explícitas do interlocutor, verificamos que o aluno não identificou o destinatário/interlocutor logo no início, porque não usou vocativo, característico da carta. Entretanto, esse destinatário pode ser percebido durante o enunciado, como nos trechos: “*Pro governador mandasse limpar os bueiros (...)*”, “*(...) mas o governador Ainda Não fez nada (...)*” “*(...) governador Precisamos de você (...)*”. Para esse aluno, que não tem conhecimento de mundo suficiente para identificar o prefeito como o destinatário, o responsável pelo serviço de coleta de lixo é o governador, e é para ele que suas palavras são direcionadas.

Com isso, ao se dirigir ao governador para reclamar do problema do lixo, o aluno escolhe palavras e entonações direcionadas a esse determinado interlocutor (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), considerado por ele a autoridade responsável por resolver o problema, como no último trecho citado, “*(...) governador Precisamos de você (...)*”, em que há um tom expressivo no uso do vocativo “governador”, seguido da entonação de apelo em “*precisamos de você*”, o que evidencia produção valorada do discurso do aluno. Essa entonação valorativa de apelo que atribuímos ao referido trecho é determinada pelo contexto enunciativo em que as palavras estão inseridas (VOLÓCHINOV, 2019 [1926]). Além disso, no caso da situação de ensino em que o enunciado foi produzido, o aluno certamente tem ciência de que o professor lerá e avaliará a sua produção, portanto também o docente é interlocutor nesse processo (BENINI; MENEGASSI, 2013).

A finalidade discursiva de um enunciado está diretamente relacionada à sua temática (BAKHTIN, 2011 [1979]). Nesse sentido, o comando de produção sugere que o aluno, após expor e defender seu ponto de vista em relação ao tema proposto, apresente sugestões para a resolução do problema. Nesse aspecto, conseguimos identificar no trecho “*queremos que A justiça e u governador melhore A Para nossa cidade todos os bairros tem que ser limpadado e As rodovias também (...)*” que o aluno atribui ao governador e à justiça a responsabilidade pela limpeza da cidade, ao escolher as construções linguísticas “queremos que” e “tem que ser”, em produção valorada do discurso. Entretanto, a finalidade não foi alcançada no enunciado em análise, uma vez que falta a ele uma organização de argumentos para influenciar o interlocutor ao que se pretende: a limpeza da cidade, assim como falta também a sugestão para ser apreciada pela autoridade responsável.

O tema é a expressão de uma situação histórica concreta, portanto, é ideológico (CEREJA, 2005). A exauribilidade semântico-objetual do tema do enunciado (BAKHTIN, 2011 [1979]) ou a exauribilidade temática, como preferem denominar Fuza e Menegassi (2020), é o “elemento responsável pelo esgotamento total ou parcial do dizer e que possibilita uma posição responsiva do sujeito em relação ao enunciado” (FUZA; MENEGASSI, 2020, p.67).

Quando o esgotamento do tema é total, diz-se que a exauribilidade é plena, e isso ocorre em gêneros de natureza padronizada, em que não há espaço para o elemento criativo (BAKHTIN, 2011 [1979]). Em outro sentido, o esgotamento parcial se refere à exauribilidade relativa do enunciado, que “é marcada pela criatividade e interpretação dos fatos que contribuem para a manifestação da contrapalavra” (FUZA; MENEGASSI, 2020, p.68). A carta aberta proposta no comando de produção é um gênero que apresenta temática de exauribilidade relativa, pois se insere no campo da criação, o

que permite uma posição responsiva do interlocutor em relação à ideia defendida pelo autor (BAKHTIN, 2011 [1979]).

Nesse aspecto, ao analisarmos o enunciado do aluno Munduruku, verificamos que as ideias sobre o tema não foram expostas e organizadas de forma clara, o que interferiu na compreensão responsiva do professor-interlocutor, além disso, em determinada parte de seu enunciado, o aluno se restringiu a repetir um trecho do texto de apoio: “*A Pesar disso belém continua visual mente suja*”, que se distancia de uma produção criativa.

Por outro lado, apesar da dificuldade na organização de suas ideias na modalidade escrita, o aluno consegue introduzir o tema proposto no comando de produção “O acúmulo do lixo no bairro onde mora”, logo no início de sua carta, quando conta um fato que presenciou “*Certo dia eu estava saindo da escola e tinha muitos lixos, plásticos etc...*”, e critica a situação vivenciada “*era bom se tivesse o meio Ambiente Pro governador mandase limpar os bueiros Para não entupi (...), Problema que Anos tinha que ser Ageitado mas O gorvenador Ainda não fez Nada para limpar Belém*”; “*todos os bairros tem que ser limpado*”.

Assim, com certa dificuldade, o aluno consegue demonstrar algum posicionamento crítico por meio da insatisfação com a situação dos bueiros entupidos pelo lixo e a inoperância do governo para resolver essa questão. Além disso, percebe que a situação denunciada é um problema da cidade e não somente do bairro: “*O gorvenador Ainda não fez Nada para limpar Belém*”.

Podemos concluir que essas valorações negativas que o aluno tem em relação à atuação do governo demonstram certo posicionamento crítico que, provavelmente, decorre da ideologia do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), nas relações vivenciadas por ele em seu grupo social. No entanto, conforme pudemos constatar na análise do enunciado, essa consciência socioideológica carece de ampliação, que leve ao amadurecimento e organização das ideias do aluno e, conseqüentemente, à exauribilidade relativa do tema.

Como tipo relativamente estável de enunciado (BAKHTIN, 2011[1979]), a carta aberta pode apresentar uma certa flexibilidade na sua construção composicional. Ao seguir a composição genérica de qualquer carta, ela pode apresentar local, data, vocativo indicativo do destinatário, texto principal, despedida e assinatura. Mas pode, também, a depender do suporte em que será veiculada, dispensar algum desses elementos como a data, local, despedida e vocativo, ou pode acrescentar outros como o título com a indicação do destinatário, muito comum em cartas abertas publicadas em redes sociais.

A carta aberta do aluno Munduruku apresenta apenas o texto principal sem qualquer um dos demais elementos composicionais. Notamos, também, uma tentativa frustrada de organização do enunciado em parágrafos. O desconhecimento do aluno em relação a esses elementos composicionais da carta pode decorrer da sua falta de contato com esse gênero, já que é pouco usual na sociedade, a qual dá preferência ao e-mail, seu correspondente no meio virtual. Por outro lado, no início do ano letivo de 2018, nós fizemos um trabalho com o gênero carta pessoal no 8º ano, em que o aluno Munduruku participou, assim como fizemos, também, outras atividades de produção textual escrita, em que explicamos a importância da paragrafação.

Destacamos, ainda, no aspecto composicional, que o aluno, ao escolher iniciar seu enunciado com a narração de um fato que presenciou “*Certo dia eu estava saindo da escola e tinha muitos lixos, plásticos etc...*”, demonstra uma maior proximidade com sequências textuais narrativas que com

argumentativas, exigidas na produção de uma carta aberta. Após o início narrativo, seguiu-se uma sequência de períodos com imensos problemas de coesão e coerência. Essa falta de organização das ideias prejudicou a construção de sentido do enunciado, que precisou ser por nós complementada.

De acordo com Ohuschi (2019), o estilo está diretamente relacionado ao contexto de produção, à temática e à construção composicional do enunciado. Ele se refere às escolhas linguísticas feitas pelo locutor/autor determinadas pela situação enunciativa para realização de seu projeto de dizer (ROJO; BARBOSA, 2015). Desse modo, para produzir a carta aberta a partir do contexto enunciativo proposto no comando de produção, o aluno precisaria selecionar palavras e, portanto, valores (VOLÓCHINOV (2017 [1979]), dentro de seu repertório linguístico, para abordar a temática em questão, defender seu ponto de vista por meio de argumentos e apresentar sugestões ao destinatário para resolver o problema.

Ao analisarmos esse elemento na produção textual do aluno Munduruku, verificamos que ele faz uso da primeira pessoa do singular para contar um fato que presenciou e utiliza a primeira pessoa do plural no decorrer do enunciado, colocando-se como parte de uma coletividade que sofre com um problema social. Desse modo, as escolhas linguísticas do aluno, a exemplo da utilização de verbos na primeira pessoa do plural do modo indicativo, evidenciam o seu posicionamento valorativo diante da temática tratada no seu contexto social, pois ora demonstram uma insatisfação “...*temos que Aguentar essa imundiser (...)*”, ora indicam uma exigência “*queremos que A justiça e u governador melhore*”, “*os bairros tem que ser limpadado*”, ora, um apelo “*Precisamos de você, gorvenador*”. Vê-se, portanto, que o aluno percebe a sua realidade e se posiciona valorativamente sobre ela, a partir de sua consciência social e ideológica construída nas relações dialógicas que vivencia no seu dia a dia (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

O aluno utiliza uma sequência de palavras de tom agressivo pelas quais expressa seu posicionamento axiológico em relação à forma como o problema em questão é tratado pelo governador “*O gorvenador Ainda Não fez Nada para limpar Belém o governador só ficar – Prometendo Promeças que nunca vai fazer ele só que robar Nossos dinheiro e nós temos que Aguentar essa imundiser (...)*”. O aluno compreende que o governador “*Não fez Nada*”, “*nunca vai fazer*” e “*só que robar Nossos dinheiro*”, e por isso, conclui: “*nós temos que Aguentar essa imundiser*”.

Desse modo, no início do enunciado, após narrar um fato que presenciou, faz uma avaliação negativa, com palavras ofensivas, sobre a atuação do governador que, no seu entendimento, é o responsável pela limpeza da cidade. Esse discurso do aluno em que o político (na figura do governador) é descrito como alguém que mente, pois promete, mas não cumpre, e que rouba o dinheiro público, certamente foi construído a partir do diálogo com outros discursos por meio do contato com os mais variados gêneros que compõem as práticas de linguagem de seu cotidiano.

Em outras palavras, a consciência socioideológica, marcada pelo posicionamento axiológico do aluno e evidenciada a partir das marcas linguísticas dos elementos analisados, é formada por diferentes discursos com os quais ele dialoga no seu dia a dia, no contato com as ideologias do cotidiano (BAKHTIN, 2011 [1979]).

No que tange à adequação à norma culta, o enunciado apresenta uma série de problemas de grafia como: “*Anbiente*”, “*Pro governador mandasse*”, “*emtupi*”, “*A Pesar*”, “*Belém*”, “*visual mente*”, “*Ageitado*”, “*gorvenador*”, “*Promeças*”, “*robar*”, “*imundiser*”, “*u governador*”,

dentre outros. Há, também, problema de concordância nominal, “*Nossos dinheiro*”, e verbal, “*todos os bairros tem que ser limpado*”, “*existe Pessoas*”. Além disso, há inadequação e ausência de conectivos e pontuação, o que prejudicou a construção de sentido do enunciado, que foi por nós complementada.

Em síntese, o aluno Munduruku se posiciona como parte da comunidade ao escolher marcas linguísticas de primeira pessoa. Não há um direcionamento a um destinatário no início da carta, mas, no decorrer dela, o autor se dirige ao governador para pedir ajuda. A finalidade não é alcançada, pois não existe uma organização de argumentos para influenciar os possíveis interlocutores a concordar com o autor, assim como também faltam as sugestões para que a autoridade competente resolva o problema.

A temática proposta no comando de produção foi mencionada no decorrer do enunciado, mas pouco exaurida. A construção composicional está distante da construção de uma carta aberta. O enunciado não apresenta uma estratégia argumentativa disposta em parágrafos. Além disso, as escolhas linguísticas do aluno evidenciam seu posicionamento valorado de insatisfação com a situação, atribuindo ao governador a responsabilidade de resolver o problema. A escrita apresenta muitos problemas relacionados à norma culta, o que interferiu na sua compreensão.

Da análise feita, compreendemos que, apesar da dificuldade do aluno em relação à norma culta da língua e à organização de suas ideias em seu enunciado, ele consegue expressar, em certa medida, sua avaliação e posicionamento sobre a temática apresentada no comando de produção.

Belém, 31 de outubro de 2019

Caro governo,

Bom, no xxx é bem facilmente de se encontrar lixo pois a situação está caótica, por toda parte por onde passamos há lixo. As pessoas já fazem descarte irregular de lixo por todos os cantos, Belém está cada vez pior. São lixeiras quebradas, lixo pelas ruas e rodovias, muitos bairros sem saneamento básico, asfalto e entre outros problemas.

A limpeza urbana é outro problema para todo esse lixo nas ruas de Belém, pois não é feita como deveria ser, a coleta de lixo não está sendo feitas de acordo com os dias muitas vezes o carro que desse lixo não vai há varias ruas daí começa o acumulo de lixo, que atrai vários animais que podem causar doenças um bom exemplo seria os ratos e os mosquitos que são esses um dos grandes causadore de doenças.

Para melhorar essa situação todo tem fazer a sua parte como por exemplo os cidadãos pararem de jogar lixo pelas ruas e canais mais também a prefeitura ajudando com a limpeza urbana de acordo com os dias, saneamento básico e assim cada um fazendo a sua parte podemos melhorar a qualidade de vida, não só no xxxxx mas sim por toda Belém. (Asurini)

Ao analisarmos o enunciado do aluno Asurini, verificamos que nele são apresentadas marcas linguísticas de primeira pessoa do plural na introdução, “*(...) por onde **passamos**, há lixo.*”, e na conclusão, “*(...) **podemos melhorar** a qualidade de vida*”, em que as formas verbais “*passamos*” e “*podemos melhorar*” demonstram a inclusão do autor no contexto do problema abordado, como parte da comunidade, de onde ele vai emitir seu posicionamento valorativo sobre a situação abordada.

Nessa perspectiva, o conhecimento do aluno sobre a temática, evidenciado no decorrer da carta, demonstra o seu contato com enunciados que contribuíram para formar sua consciência socioideológica e, portanto, para a produção textual de autoria própria.

Ao analisarmos o contexto de produção, verificamos que o aluno identificou o destinatário/interlocutor no vocativo: “*Caro governo*”. O aluno usa o termo governo com a acepção de administração, gestão. Isso é compreendido na conclusão do enunciado, quando o autor faz referência à prefeitura como autoridade competente para resolver o problema. Logo, apesar de usar o termo “*governo*”, o aluno sabe que o seu destinatário é a prefeitura. Desse modo, o adequado seria o uso do termo “*prefeito*” no vocativo.

Uma das características da carta aberta é influenciar seus inúmeros interlocutores a aderirem a um determinado posicionamento, ao mesmo tempo em que pretende persuadir seu destinatário final, a autoridade competente em resolver o problema, a atender as sugestões apresentadas.

No caso da situação dada no comando de produção, além do interlocutor real externo (BENINI; MENEGASSI, 2013), a autoridade destinatária principal da carta, há os interlocutores presumidos ou virtuais, aqueles inúmeros outros interlocutores da carta, dentre os quais, os cidadãos da comunidade onde se situa o problema, razão pela qual é importante que haja argumentos com o intuito de influenciá-los, como fez o aluno Asurini no trecho “*(...) todo tem fazer a sua parte como por exemplo os cidadãos pararem de jogar lixo pelas ruas (...)*”. Ao lado desses, figura ainda o interlocutor real, o professor, o qual o aluno-autor também considera ao escolher palavras e construir seu enunciado, pois sabe que será por ele avaliado.

Quanto à finalidade, constatamos que é alcançada quando, por meio de argumentos, o aluno-autor influencia seus interlocutores, e, ao final, sugere possíveis soluções a quem, a seu ver, cabe a iniciativa de resolver o problema: “*Para melhorar essa situação todo tem fazer a sua parte como por exemplo os cidadãos pararem de jogar lixo pelas ruas e canais mais também a prefeitura ajudando com a limpeza urbana de acordo com os dias, saneamento básico e assim cada um fazendo a sua parte podemos melhorar a qualidade de vida, não só no xxxxx mas sim por toda Belém.*” Ou seja, os cidadãos precisam parar de jogar lixo nas ruas e canais, e a prefeitura precisa ajudar com a limpeza urbana. E conclui, enfatizando que cada um precisa fazer a sua parte para melhorar a qualidade de vida da população do bairro e de Belém. Esse é o posicionamento valorativo do autor, construído a partir de sua consciência social e ideológica, formada nas relações dialógicas de linguagem de seu dia a dia.

A temática proposta no comando de produção, apesar de ser bastante comentada e reelaborada em diversos gêneros, sempre corresponderá a uma vontade de dizer, uma finalidade discursiva específica para determinada situação sócio-histórico-ideológica. Afinal, os enunciados são irrepetíveis e, geralmente, apresentam exauribilidade relativa (BAKHTIN, 2011 [1979]), pois, inacabados, são reacentuados pelas valorações de seus autores nas esferas comunicativas onde são produzidos e circulam.

Nesse contexto, o aluno-autor, ao denunciar a situação “caótica” do acúmulo do lixo por todo o bairro causada pela própria população -“*As pessoas já fazem descarte irregular de lixo por todos os cantos*”- e pela falta de coleta de lixo, reavalia e reacentua enunciados outros dos quais foi interlocutor, a partir de sua percepção desses enunciados e da própria realidade que o circunda.

Assim, o seu posicionamento socioideológico continua quando ele aponta o acúmulo do lixo como causador de doenças - *“daí começa o acúmulo de lixo, que atrai vários animais que podem causar doenças um bom exemplo seria os ratos e os mosquitos que são esses um dos grandes causadores de doenças”* - e apresenta sugestões para resolver a questão.

Nessa última parte do enunciado, o aluno conclui que *“Para melhorar essa situação todo tem fazer a sua parte”*. Desse modo, para finalizar seu projeto de dizer, o aluno-autor sugere que o problema se resolverá quando cada um envolvido no problema fizer a sua parte, ou seja, quando os cidadãos não jogarem mais lixo em lugares indevidos e a prefeitura fizer a coleta de lixo de forma regular. Verificamos, assim, a relativa exauribilidade temática.

No que concerne ao aspecto composicional, verificamos que ele apresenta alguns dos elementos que compõem a carta aberta, quais sejam, o local, a data, o vocativo e o corpo do texto. Destacamos que, dentre os enunciados analisados, apenas o do aluno Asurini apresentou o vocativo no início da carta. Isso ocorreu, provavelmente, porque o aluno lembrou da composição do gênero discursivo carta pessoal, estudado no primeiro bimestre de 2019. Uma evidência disso é o uso da saudação “caro”, própria da carta pessoal, para acompanhar o destinatário “governo”. Além disso, diferentemente dos demais, o aluno também situou o enunciado em um local e tempo determinado, o que demonstra conhecimento da composição de uma carta.

O enunciado é composto por três parágrafos. No primeiro, é perceptível a introdução ao problema: *“(...) no xxxxx, é bem facilmente de se encontrar lixo pois a situação está caótica, por toda parte por onde passamos há lixo.”*. No segundo parágrafo, a situação é desenvolvida por meio de outros fatos relativos ao problema: *“(...) A limpeza urbana é outro problema para todo esse lixo nas ruas de Belém, pois não é feita como deveria ser, (...)”*; *“(...) muitas vezes o carro que desse lixo não vai a varias ruas daí começa o acúmulo de lixo”*. Aqui, percebemos indícios de produção valorada do discurso do autor, que, a partir do que observa, denuncia a precariedade do serviço de limpeza urbana. No último parágrafo, há a sugestão de solução do problema, com a indicação da prefeitura como a responsável em resolvê-lo, atribuindo também aos cidadãos parte dessa responsabilidade.

Desse modo, o autor apresenta o fato-problema (o acúmulo do lixo no bairro), as possíveis causas desse problema (as pessoas jogam lixo nas ruas e falta de serviço de coleta de lixo), algumas possíveis consequências desse problema (proliferação de ratos e mosquitos, causadores de doenças), e finaliza apresentando uma possível solução, com a indicação de quem pode concretizá-la.

Em outras palavras, o autor seguiu um percurso argumentativo que se iniciou com a demonstração do problema por meio da apresentação de fatos reais que ele presencia em seu dia a dia. Em seguida, a partir da sua percepção da realidade e de suas reflexões advindas de outros enunciados de mesma temática, apresentou causas e consequências do problema no intuito de persuadir o interlocutor a concordar com o seu ponto de vista, explícito na conclusão.

Ao analisarmos o estilo, observamos que a escolha das formas verbais *“passamos”* e *“podemos melhorar”*, indicativas de primeira pessoa do plural, no primeiro e último parágrafos respectivamente, evidencia o lugar de autoria do aluno, que se posiciona como parte de uma coletividade.

É possível perceber a valoração negativa do autor diante do problema em questão já no primeiro parágrafo *“(...) pois a situação está caótica, por toda parte por onde passamos há lixo”* e

“Belém está cada vez **pior**”, em que ele seleciona os adjetivos “caótica” e “pior” para enfatizar sua insatisfação, imprimindo uma entonação expressiva negativa em relação ao que diz sobre o acúmulo do lixo.

No último parágrafo, ao se utilizar da construção “tem que” no trecho “Para melhorar essa situação todo **tem fazer a sua parte**” (o aluno esqueceu de escrever “que”), o autor conduz sua conclusão para um tom injuntivo, afirmando que os cidadãos tem que parar de jogar lixo pelas ruas, e a prefeitura tem que ajudar na limpeza urbana.

Com relação à adequação à norma, há alguns problemas de coesão em razão da falta ou uso inadequado de articuladores textuais e sinais de pontuação em alguns períodos, a exemplo deste trecho: “(...) muitas vezes o carro **que** desse lixo não vai a varias ruas daí começa o acumulo de lixo, **que** atrai vários animais **que** podem causar doenças um bom exemplo seria os ratos e os mosquitos **que** são esses um dos grandes causadore de doenças.” Nele, a repetição do pronome relativo “que” e a falta da vírgula depois da expressão adverbial “muitas vezes”, antes do conectivo conclusivo “daí”, depois do substantivo “doenças” e depois do substantivo “mosquitos”, prejudicam a coesão. Junta-se a isso alguns problemas de ortografia: “desse”, “causadore”, “cidadões”; acentuação: “varias”, “acumulo”; e concordância: “a coleta de lixo não **está sendo feitas**”. É possível afirmar que alguns desses desvios repercutem na coesão textual e, portanto, podem interferir na sua compreensão.

O enunciado do aluno Asurini apresenta marcas linguísticas de autoria de primeira pessoa do plural, em que ele se coloca como parte da coletividade afetada pelo problema. A carta tem como destinatário principal a prefeitura, com a finalidade de persuadir a autoridade competente a resolver a situação, mas também é escrita com o propósito de influenciar os cidadãos a contribuir com a limpeza do bairro. Para tanto, o autor construiu sua carta pela estratégia argumentativa da apresentação do problema por meio de fatos e demonstração das suas causas e conseqüências. Com isso, houve uma relativa exauribilidade do tema.

A carta é composta pelo local, data, vocativo e o corpo do texto, sendo o único dos enunciados analisados a apresentar todos esses elementos, provavelmente porque o aluno já conhecia a composição de uma carta. O autor selecionou formas verbais que evidenciam a autoria em primeira pessoa do plural. Escolheu, também, adjetivos que enfatizam sua insatisfação com a situação, e selecionou, ainda, uma construção injuntiva para atribuir dever a alguém. O enunciado apresenta alguns problemas de coesão e coerência causados pela falta ou uso inadequados de articuladores textuais e, também, problemas de ortografia, acentuação e concordância.

Para melhor visualização, sistematizamos os resultados no Quadro 02:

Quadro 02: Sistematização dos resultados obtidos

Elementos do gênero discursivo	ALUNOS	
	Munduruku	Asurini
Autoria	As marcas de 1ª pessoa do singular e do plural indicam pertencimento. Avalia a partir de sua consciência socioideológica, portanto o enunciado é de autoria própria.	As marcas de 1ª pessoa do plural indicam pertencimento do aluno-autor ao bairro a que se refere. Há indícios de discurso valorado próprio no enunciado, portanto o aluno é sujeito-autor.

	Entretanto há trechos com marcas de repetições.	
Destinatário	Não está expresso no vocativo, mas, no interior do enunciado. O governador é apontado como o destinatário principal, ou seja, o interlocutor real externo (BENINI; MENEGASSI, 2015). Por ser situação de ensino, o professor também é o interlocutor real (BENINI; MENEGASSI, 2015)	Destinatário expresso no vocativo e no interior do enunciado. O aluno identifica o prefeito como destinatário principal. Possibilidade da existência de um interlocutor virtual. O professor é o interlocutor real.
Finalidade	Não foi alcançada, pois não expôs e defendeu seu ponto de vista em relação ao tema proposto por meio de argumentos compreensíveis, assim como também não apresentou sugestões à autoridade competente para a resolução do problema.	Foi alcançada, pois, por meio de argumentos, o aluno-autor influencia seus interlocutores e, ao final, sugere possíveis soluções ao destinatário responsável por resolver o problema.
Temática	Apresenta pouco conhecimento sobre a temática, insuficiente para atender o comando de produção. Valora negativamente a atuação do governo em relação à limpeza da cidade, a quem, por desconhecimento, atribui a competência em resolver o problema. Não propõe sugestões à autoridade competente.	Apresenta um conhecimento maior sobre a temática. Avalia negativamente as pessoas que sujam as ruas e o serviço de coleta de lixo da prefeitura. Propõe sugestões para a solução do problema e as dirige à autoridade competente.
Construção composicional	Não apresenta título, local, data, vocativo, despedida, assinatura. Não desenvolve estratégia argumentativa. O enunciado não está organizado em parágrafos. Muitos problemas de organização e coesão textual.	Apresenta local, data, vocativo. Uso de estratégia argumentativa, com causa, consequência e solução. Organização textual em parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão.
Estilo	Pronome e verbo em 1ª pessoa do singular “eu estava”; Pronome e verbos em 1ª pessoa do plural: “Nós temos”, “queremos”, “precisamos”, indicando insatisfação, exigência e apelo respectivamente. Termos com tom agressivo: “Não fez nada”; “Temos que aguentar”; “imundície”; “roubar”. Índícios de posicionamento axiológico. Avaliação negativa da situação.	Formas verbais na 1ª pessoa do plural: “passamos”, que expressa denúncia, e “podemos melhorar”, que indica uma atitude coletiva. Adjetivos “caótica” e “pior” indicam insatisfação, denúncia, e expressam uma valoração negativa. Construção injuntiva “tem que”, indicando uma obrigação, exigência. Índícios de posicionamento axiológico.
Adequação à norma culta	Muitos problemas quanto à articulação das ideias em razão da falta ou inadequação do uso de conectivos, palavras e pontuação, assim como demonstrou bastante dificuldade quanto à ortografia e acentuação.	Pouca dificuldade quanto à articulação das ideias ao usar conectivos, palavras e pontuação, assim como demonstrou pouca dificuldade quanto à ortografia e acentuação.

Fonte: as autoras.

Em síntese, constatamos que devido ao desconhecimento dos alunos em relação ao gênero discursivo carta aberta, nenhum deles contemplou, em seu enunciado, todos os elementos e características desse gênero. Do mesmo modo, a análise demonstra diferentes níveis de consciência socioideológica dos dois alunos sobre a temática, sendo que nenhum deles contemplou integralmente a proposta de produção textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a análise diagnóstica dos enunciados selecionados, salientamos que a carta aberta, como gênero discursivo, é constituída pela sua situação extraverbal, que diz respeito, dentre outros aspectos, à dimensão valorativa do enunciado (VOLÓCHINOV, 2019 [1926]), e pela situação verbal, composta pelo tema, composição e estilo (BAKHTIN, 2011 [1979]).

O extraverbal se refere ao contexto social de produção e incide sobre os elementos constitutivos da situação verbal (BELOTI; HILA; RITTER e FERRAGINI, 2020). Nesse sentido, ao considerar que o extraverbal conduz as escolhas verbais do aluno direcionadas à situação enunciativa, verificamos, na análise diagnóstica dos enunciados selecionados, que essa dimensão é evidenciada nos elementos da autoria, interlocutor/destinatário e finalidade. Desse modo, nossa análise verificou de que forma a valoração do discurso, como evidência de consciência socioideológica, realizou-se nos enunciados dos alunos, ao considerá-la como um aspecto componente da situação extraverbal que reverbera nos elementos constitutivos do enunciado: o tema, a composição e o estilo.

Nesse sentido, ao emitirem juízo de valor por meio de enunciados próprios, os alunos tornam-se sujeitos-autores que reavaliam, reacentuam enunciados outros dos quais foram interlocutores, a partir de sua consciência socioideológica, formada pela ideologia do cotidiano nas relações sociais do grupo do qual fazem parte, mediadas pelos gêneros primários (BAKHTIN, 2011 [1979]). Esse posicionamento do autor do enunciado, que fala por sua comunidade, é característico do gênero discurso carta aberta.

Por outro lado, apesar de haver marcas de posicionamentos axiológicos nos dois enunciados ora analisados, verificamos que falta aos alunos expandir seu discurso interior e, conseqüentemente, ampliar a consciência socioideológica em relação à temática abordada, assim como se apropriar dos elementos componentes do gênero discursivo carta aberta. Soma-se a isso a necessidade de um trabalho em relação à adequação da norma culta e seus mecanismos de coesão e coerência.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R.; BRAIT, B. Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra-enunciado. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 1, p. 125-142, jan./abr. 2020.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BELOTI, A.; HILA C. V. D; RITTER, L. C. B; FERRAGINI, N. L. O. Conceito de valoração em perspectiva enunciativo-discursiva: proposta teórico-metodológica para a prática de leitura. *In*: FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem**: reflexões teórico-metodológicas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 109-135.

BENINI, E. A. B.; MENEGASSI, R. J. Interlocução na produção de cartas pessoais na sala de aula. **Signum** Estud. Ling. Londrina-PR, n.16/2, p. 17-38, dez. 2013.

CEREJA, W. Significação e Tema. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FUZA, A. F.; MENEGASSI, R. J. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura em crônica a partir do princípio temático. In: FUZA, A. F.; OHUSCHI M. C. G; MENEGASSI R. J. (Orgs.). **Interação e escrita no ensino de língua**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 65-97.

GASPAROTTO, D. M. **Práticas de revisão e reescrita dialógicas de alunos de ensino médio**: processos de apropriação pela intervenção docente. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

MENEGASSI, R. J.; GASPAROTTO, D. M. Revisão dialógica: princípios teórico-metodológicos. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 19, n. 1, p. 107-124, Jan. 2019.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 167-176.

OHUSCHI, M. C. G. **Ressignificação de saberes na formação continuada**: a responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem, 2013, 295 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

OHUSCHI, M. C. G. **Proposta de atividades de análise linguística nos cadernos “Poetas da escola” e “Se bem me lembro” da Olimpíada de Língua Portuguesa**. 2019. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral em Letras (Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

PETISTA e ex-prefeito de São Paulo, que foi derrotado no segundo turno da eleição presidencial por Bolsonaro, fala sobre as turbulências da política brasileira em meio à pandemia do coronavírus. **EL PAÍS Brasil no Twitter**, 2020. Disponível em: https://twitter.com/elpais_brasil/status/1283778944035102722. Acesso em 19 Set. 2020.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. **Bakhtiniana** - Revista de estudos do discurso, n. 12, 123-143, 2017.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O conto em prática de análise linguística dialógica no Ensino Médio. In: BARROS, E. M. D.; STRIQUER, M. S. D.; STORTO, L. J. (org.). **Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2018. v. 1, p. 43-69.

ROJO, R. H R.; BARBOSA, P.B. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. Ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, I. L. da S. S. **A consciência socioideológica e a produção valorada do discurso**: uma proposta pedagógica para o 9º ano com o gênero discursivo carta aberta, 2021, 204 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém.

SANTOS, I. L. da S. S.; OHUSCHI, M. C. G. **A ampliação da consciência socioideológica e a produção valorada do discurso a partir do gênero discursivo carta aberta**: projeto pedagógico

de leitura e escrita, 69 f. Produto Educacional (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].